

Entrevista | Gustavo Franco, economista

# “A corrupção e a farra fiscal são duas faces da mesma moeda”



Por Márcio KROEHN

O economista Gustavo Franco era o presidente do Banco Central quando a primeira edição da *DINHEIRO* foi entregue ao leitor, em setembro de 1997. Um dos formuladores do Plano Real, Franco permaneceu no setor público, entre o Ministério

da Fazenda e o BC, de 1993 a 99. Nesse período, foi alvo do humor voraz dos cartunistas. Hoje, essas histórias estão espalhadas em sua casa e em seu escritório, no Rio de Janeiro. “Com tantas outras coisas para se irritar, as charges são um banho de bom humor”, diz ele, que é o responsável pela edição brasileira do livro *A graça do dinheiro – as melhores charges da New Yorker sobre economia em 90 anos* (Zahar). A partir de 2000, Franco criou a Rio Bravo Investimentos e passou a ser um crítico da política econômica. Nesta entrevista, ele volta no tempo para falar sobre a adoção do câmbio fixo, uma de suas mais criticadas decisões, analisa como a oposição se beneficiou dos avanços institucionais promovidos pelo governo Fernando Henrique Cardoso e lamenta os erros de gestão econômica cometidos a partir de 2009, que levaram o Brasil à pior recessão de sua história. “Tudo fazia crer que o País tinha convergido em torno de algumas ideias básicas de macroeconomia, que tinham acabado as eras da feitiçaria e do invencionismo. Mas resolvemos recuar, infelizmente”, diz ele.

### DINHEIRO – Em retrospectiva, quais foram os acertos e os erros do Brasil, nos últimos 20 anos?

**GUSTAVO FRANCO** – As coisas vêm sempre dentro de um conjunto e acho que acertamos muito mais do que erramos. Erros são o preço que se paga pelos acertos, não daria para ter evitado certas decisões difíceis e polêmicas, como foi a política cambial, e tudo ter acontecido igualzinho. A política cambial substituiu a capacidade de fazer o ajuste fiscal no devido momento, então é muito fácil falar que deveria ter sido diferente para evitar o problema. Mas aí também o Plano Real não teria dado certo do jeito que deu e a vida teria sido muito diferente. Tem de olhar o conjunto das estratégias e não dá para dizer que não foi um sucesso extraordinário. O Brasil venceu a hiperinflação, deixou para trás uma cultura de inflação alta que vinha de várias décadas, fez uma reestruturação institucional, além de reformas que tiveram a sua importância no setor real da economia e no setor social. Isso tudo colocou o País num patamar totalmente diferente de possibilidades de crescimento, com inclusão. Isso foi o que fez o Plano Real.

### DINHEIRO – O que foi feito ali permitiu uma continuidade nos anos seguintes?

**FRANCO** – Houve um vislumbre bacana de ver a oposição no poder, não atacando, mas adotando como seu o receituário que antigamente criticava como ortodoxo e neoliberal. Entre 1998 e 2009, tivemos 11 anos de austeridade e superávit primário de 3,5% do PIB, em média. Durante esse período, tivemos crescimento, melhoria da distribuição de renda e acumulação de reservas, o que normalmente não acontece ao mesmo tempo. Fomos ajudados pelas commodities e pelos fatores externos, sobretudo na segunda metade da década. Mas tudo fazia crer que o Brasil tinha convergido em torno de algumas ideias básicas de macroeconomia, que tinham acabado as eras da feitiçaria e do invençionismo. Com a crise de 2008, resolvemos recuar, infelizmente.

### DINHEIRO – Quais são as causas desse recuo?

**FRANCO** – São várias causas. Dilma Rousseff, infelizmente, não estava no mesmo nível das lideranças políticas que o Brasil tradicionalmente teve na presi-

dência. Havia uma sensação de sucesso e autosuficiência provocada, talvez, pelos 10 anos de bom desempenho da economia mais a turbinação pela descoberta do pré-sal, que parecia colocar o Brasil na posição de Venezuela ou de membro da Opep (organização dos exportadores de petróleo). Tudo isso combinado produziu uma guinada, na direção errada, que foi se acentuando e teve a Petrobras como centro, vamos dizer assim, da nova orientação. Era uma matriz Macro e uma nova orientação Micro. A nova matriz Macro produziu, anos depois, a pior depressão da nossa história e a nova matriz Micro terminou em Curitiba.

### DINHEIRO – Com o nevoeiro atual na política, é possível avançar no curto prazo?

**FRANCO** – Sim. A experiência de 1993 é educativa porque era igual. A política estava uma confusão, tinha uma CPI sobre o orçamento no Congresso, que paralisava os trabalhos parlamentares, e o presidente (Itamar Franco) não tinha liderança. Todos os problemas que hoje estamos enfrentando estavam lá. E deu certo. A fórmula foi segregar a economia e conduzir um programa que se tornasse um foco de legitimidade e interesse da sociedade que, então, passou a acompanhar esses assuntos econômicos que se desenvolveram de maneira mais ou menos independente do que se desenvolvia na política. Não se espera que a economia seja feita para ajudar a política, nem

que a política necessariamente tenha de ajudar a economia. A política econômica tem que desenvolver o seu trajeto. E aí se torna uma coisa que, dando certo, carrega todo o resto.

### DINHEIRO – Mas, hoje parece impossível ver algum ajuste ocorrer em um ano.

**FRANCO** – Deixa eu lembrar aqui uns números fiscais daquela época que as pessoas às vezes não se dão conta. Enquanto a inflação era muito alta, as contas fiscais tinham resultado positivo. O governo ganhava junto com a inflação. Depois que a inflação acabou, de 1995 em diante, a gente não teve superávit positivo até o último trimestre de 1998, depois do acordo com o Fundo Monetário Internacional. Muitos historiadores estrangeiros chegam aqui para conversar sobre o Plano Real e perguntam: como vocês conseguiram estabilizar sem fazer um pacote fiscal que exibisse resultados contundentes na partida? É uma pergunta interessante e a resposta tem que ver com o que as autoridades fizeram e que a população compreendeu como solução para grandes problemas fiscais, ainda que não tivesse impacto de caixa imediato.

### DINHEIRO – Quais são eles?

**FRANCO** – Programas como a privatização, a arrumação dos bancos estaduais e dos federais, todas essas ações foram, como a gente dizia na época, de baixo da linha, resolvendo problemas patrimoniais, grandes dívidas e grandes esqueletos do governo. As pessoas entenderam como providências essenciais para o ajuste fiscal. Claro que em algum momento a empresa tinha de voltar para o azul, mas não foi nos primeiros dois ou três anos. Agora, é preciso fazer as pessoas acreditarem que se está fazendo as coisas importantes consistentemente, com um plano e uma visão de longo prazo. Ali, a gente conseguiu, felizmente, conquistar os corações da população através de princípios simples. Espero que, agora, a economia possa seguir essa mesma receita, convencer a população a viver um dia de cada vez, a fazer as coisas certas, numa sequência racional, ter um plano de longo prazo, saber onde se quer chegar e não ficar limitado ao fato de ter um mandato de um ano, que daqui a pouco vai acabar. Não tem nada disso. Quem está responsável pela economia

“O pessoal da área econômica precisaria aproveitar a experiência da Lava Jato para associar-se a ela. A Lava Jato não atrapalha a economia”



O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, que no Governo Lula conduziu, no BC, uma política monetária conservadora

Sobre as semelhanças entre a política atual e dos anos 1990

tem de ser ambicioso e sempre ter uma visão para onde o Brasil vai nas próximas décadas. É preciso conquistar a confiança das pessoas com o seu plano de voo.

**DINHEIRO** – A Operação Lava Jato não quebra esse elo de confiança?

**FRANCO** – O pessoal da área econômica precisaria aproveitar a experiência da Lava Jato para associar-se a ela. A Lava Jato não atrapalha a economia. O combate à corrupção tem a mesma natureza do combate ao déficit público. Tudo é respeito ao dinheiro público. É preciso convencer as pessoas que estamos do mesmo lado, entendeu? A corrupção e a farra fiscal são duas faces da mesma moeda. Arrumar as contas fiscais e arrumar a corrupção muitas vezes tem a ver com as mesmas medidas. Essa conexão está falhando. As pessoas não estão entendendo que é parte da mesma coisa e que talvez as medidas fiscais, como a PEC do teto dos gastos, se encaixam com as medidas de combate à corrupção propostas pelo Ministério Público. Agora, a oposição se empenha em fazer parecer que a pauta do ajuste fiscal é negativa, de extinção de direitos, de ideologia. Não é nada ideológico. O Brasil tem de fechar as contas. Se não fecha as contas e é um governo irresponsável, de algum jeito vai ter corrupção, vai ter roubo, enfim, botar a casa em ordem inclui as contas fecharem e não ter gente metendo a mão naquilo que não lhe pertence.

**DINHEIRO** – Qual é o desafio do Brasil?

**FRANCO** – Agora, é voltar a 2009, em matéria de contas públicas, dívida e tudo mais. Não está tão distante assim, não é para resolver 400 anos de atraso; é só para voltar a 2009. O que quer que a gente tenha feito de lá para cá, dá para desfazer. Não teve uma reforma constitucional em 2009. Não é impossível, mas o tipo de deterioração decisória e organizacional de dentro do governo é muito grande. Reconstruir isso leva um certo tempo. Colocar pessoas certas no lugar certo, desaparelhar, desideologizar, começar uma condução racional e não de forma partidária ou política, sobretudo nas áreas de impacto econômico, isso tudo leva um certo tempo para fazer. Mas não tem nada impossível.

## Entrevista | Gustavo Franco

**DINHEIRO** – O presidente Temer deveria gastar a impopularidade para conseguir aprovar as reformas que o País precisa?

**FRANCO** – Existem vários níveis de reforma e de providência. No nível constitucional, a discussão previdenciária será bacana e profunda. Ela precisa existir e começa bem. Isso ocupa boa parte das agendas parlamentares e políticas, mas não é só isso. A política econômica vai bem além da emenda do teto dos gastos e da reforma da Previdência. É preciso ter uma visão macro para onde a gente quer ir e tratar muitas outras coisas, que são medidas provisórias e não requerem

sociedade civil e do setor privado em discutir a modernização.

**DINHEIRO** – Mas as forças contrárias parecem ser mais fortes que o avanço, não?

**FRANCO** – Todo mundo é a favor da modernização. Mobilizar as pessoas nesse tipo de empreendimento é um dever da liderança econômica. Isso, idealmente, precisa ser feito fora da esfera política, inclusive para não contaminar. Isso precisa acontecer o mais rápido possível para que as pessoas comecem a enxergar que o assunto da política econômica não é só contas fiscais, é o crescimento. Vamos começar a pensar nisso, remover obstáculos e modernizar a economia. Tem um desafio de produtividade imenso que o Brasil precisa enfrentar. Tudo isso precisa ser colocado. Quanto mais as pessoas sentirem firmeza no longo prazo, mais o curto prazo parece transitório, ainda que desconfortável.

“Dilma não estava no mesmo nível das lideranças políticas que o Brasil teve na presidência”



A ex-presidente Dilma Rousseff, cuja política macroeconômica resultou na pior recessão da história do País

nem passagem pelo Congresso. Toda a agenda de melhoria do ambiente de negócios, a maior parte dela, não tem nada de constitucional, então é relativamente fácil de fazer. A dificuldade geral reside em ser interdisciplinar, pois precisa juntar diferentes níveis de governo ou diferentes esferas de governo, que não se falam direito. São coisas como o tempo para abrir uma empresa ou o tempo que as pessoas levam para cumprir suas obrigações tributárias. Muito pode ser feito sem reforma da Constituição, desde que haja um programa amplo de providência, que tenha os grupos e o envolvimento da

**DINHEIRO** – Que País o sr. gostaria de encontrar em 20 anos?

**FRANCO** – Falando de contas fiscais, eu gostaria de ver, daqui a 20 anos, um Brasil igual ao Chile, quando se trata de endividamento público. A dívida líquida do setor público no Chile, hoje, é igual a zero. A nossa é alguma coisa superior a 50% do PIB. Se conseguirmos chegar, em 20 anos, aonde o Chile está, vamos economizar no pagamento de juros. Imagina o que pode ser a taxa de juros daqui a 20 anos e como será fácil empreender, se alavancar. Como será fácil a vida econômica da empresa ou da pessoa física num país onde o custo do dinheiro é muito pequenininho, portanto o futuro está ao alcance da sua mão se ao menos você tiver o espírito empreendedor para dele se apropriar. Esse é o Brasil que eu gostaria de ver em 20 anos, olhando exclusivamente nesse ângulo dos termos de troca entre presente e futuro. Esse é o nosso grande desafio daqui para lá e temos tudo para vencer. **ES**



Leia mais trechos da entrevista sobre inflação, indexação e ajuste fiscal no site [istoe.dinheiro.com.br](http://istoe.dinheiro.com.br)